



Trajetórias de Professores Negros na Academia Contábil Brasileira em Contexto Pandêmico: Reflexões Sobre Ficar “NO SEU LUGAR”, Empatia e Esperançar

Doutor/Ph.D. Iago França Lopes [ORCID iD](#)¹, Doutor/Ph.D. Antonio Nadson Mascarenhas Souza [ORCID iD](#)²,
Doutor/Ph.D. Sandra Maria Cerqueira DA Silva [ORCID iD](#)³

¹FIPECAFI, São Paulo, SP, Brazil. ²UFPR, Curitiba, PR, Brazil. ³UEFS, Feira de Santana, BA, Brazil

Doutor/Ph.D. Iago França Lopes

[0000-0001-7627-4815](#)

Programa de Pós-Graduação/Course

Mestrado Profissional em Controladoria e Finanças - FIPECAFI

Doutor/Ph.D. Antonio Nadson Mascarenhas Souza

[0000-0001-7880-7531](#)

Programa de Pós-Graduação/Course

Programa de Pós-Graduação em Contabilidade

Doutor/Ph.D. Sandra Maria Cerqueira DA Silva

[0000-0002-4738-3040](#)

Programa de Pós-Graduação/Course

Universidade Estadual de Feira de Santana

Resumo/Abstract

Esta investigação tem por objetivo identificar e analisar como as transformações na sociedade contemporânea, consubstanciada na pandemia da COVID-19, influenciaram e seguem influenciando na trajetória profissional de pessoas negras na contabilidade. Esta é uma pesquisa qualitativa desenvolvida por meio de narrativas inscritas na história de vida de professores negros. O corpus de pesquisa foi tratado por meio da análise de narrativas em seu modelo de análise temática. Os resultados revelam experiências de desigualdades vividas por professores negros e como situações adversas, como a pandemia, expõem tais sujeitos a reflexões e ao autoquestionamento diante da imposição para que fiquem “no seu lugar”. Esta determinação é lida pela forma que são criadas condições para expulsar corpos específicos de espaços não reconhecidos como para todas as pessoas pela branquitude. Para se manter sanos, os professores criaram processos de Esperançar. Ademais, a empatia e o espelhamento de experiência junto aos alunos é um elemento chave que viabiliza mudanças no processo de ensino aprendizagem. Por fim, o apoio terapêutico emocional é estrutura chave de enfrentamento por parte dos professores negros participantes da investigação. A pesquisa inicia e propõe a ampliação da discussão no campo disciplinar de pesquisa contábil sobre as fragilidades dos vínculos de trabalho presentes em dimensões interdisciplinares e relacionais diante da pandemia, bem como, elucida caminhos profícuos para que estratégias de enfrentamento sejam traçadas e assumidas pelos atores. Além disso, a pesquisa contribui para o questionamento de estruturas de desigualdades em tempos de pandemia nos espaços contábeis universitários.

Modalidade/Type

Artigo Científico / Scientific Paper

Área Temática/Research Area

Diversidade e Inclusão no Contexto Organizacional e Contábil (DICOC) / Diversity and Inclusion in the Organizational and Accounting Context



Trajetórias de Professores Negros na Academia Contábil Brasileira em Contexto Pandêmico: Reflexões Sobre Ficar “NO SEU LUGAR”, Empatia e Esperançar

RESUMO

Esta investigação tem por objetivo identificar e analisar como as transformações na sociedade contemporânea, consubstanciada na pandemia da COVID-19, influenciaram e seguem influenciando na trajetória profissional de pessoas negras na contabilidade. Esta é uma pesquisa qualitativa desenvolvida por meio de narrativas inscritas na história de vida de professores negros. O *corpus* de pesquisa foi tratado por meio da análise de narrativas em seu modelo de análise temática. Os resultados revelam experiências de desigualdades vividas por professores negros e como situações adversas, como a pandemia, expõem tais sujeitos a reflexões e ao autoquestionamento diante da imposição para que fiquem “no seu lugar”. Esta determinação é lida pela forma que são criadas condições para expulsar corpos específicos de espaços não reconhecidos como para todas as pessoas pela branquitude. Para se manter sanos, os professores criaram processos de Esperançar. Ademais, a empatia e o espelhamento de experiência junto aos alunos é um elemento chave que viabiliza mudanças no processo de ensino aprendizagem. Por fim, o apoio terapêutico emocional é estrutura chave de enfrentamento por parte dos professores negros participantes da investigação. A pesquisa inicia e propõe a ampliação da discussão no campo disciplinar de pesquisa contábil sobre as fragilidades dos vínculos de trabalho presentes em dimensões interdisciplinares e relacionais diante da pandemia, bem como, elucida caminhos profícuos para que estratégias de enfrentamento sejam traçadas e assumidas pelos atores. Além disso, a pesquisa contribui para o questionamento de estruturas de desigualdades em tempos de pandemia nos espaços contábeis universitários.

Palavras-chave: Trajetória Profissional; Carreira; Pandemia do COVID-19. Professores Negros. Educação Contábil.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Hoje eu só vim agradecer por tudo que Deus me fez
Quem me conhece sabe o que vivi e o que passei
O tanto que ralei pra chegar até aqui
E cheguei, cheguei
Lembro de vários veneno
Eu, ainda menor, nunca sonhei pequeno
A minha coroa me criou sozinha
Levantando sempre no raiar do dia, bem cedo
Sempre aprendi com ela
A ser grata pelo que ainda vem
Hoje tu só vê os close, nunca viu meus corre
Mas pra quem confia em Deus, o sonho nunca morre, é, é
Fé pra quem é forte, fé pra quem é foda
Fé pra quem não foge a luta
Fé pra quem não perde o foco
Fé pra enfrentar esses filha da puta
Fé pra quem é forte, fé pra quem é foda
Fé pra quem não foge a luta, hm
Fé pra quem não perde o foco*



*Fé pra enfrentar esses filha da pu...
Fé no proceder, na luta e na lida
Enquanto a gente não conquista
Segue em frente firme que a nossa firma é forte
Nunca foi sorte, irmão, sempre foi Deus, sempre foi Deus
Hoje, eu sonhei que um dia eu estaria onde ninguém pensou
Se ele quiser, eu piso onde ninguém pisou
Humildade e sabedoria pra me guiar
E o impossível é possível pra quem acreditar
Fé pra quem é forte, fé pra quem é foda
Fé pra quem não foge a luta
Fé pra quem não perde o foco
Fé pra enfrentar esses filha da puta
Fé pra quem é forte, fé pra quem é foda
Fé pra quem não foge a luta, eh
Fé pra quem não perde o foco
Fé pra enfrentar esses filha da puta
Ô, mãe, ô, mãe do céu
Abençoi, abençoi, abençoi a correria
E o nosso pão de cada dia (oh, uô, uô, uô)
Ô, mãe, ô, mãe do céu
Abençoi, abençoi, abençoi a correria
É minha fé que me guia (ah, ah)
Fé pra quem é forte, fé pra quem é foda (é)
Fé pra quem não foge a luta
Fé pra quem não perde o foco
Fé pra enfrentar esses filha da puta
Fé pra quem é forte, fé pra quem é foda
Fé pra quem não foge a luta
Fé pra quem não perde o foco (oh, oh)
Fé pra enfrentar esses filha da puta
Fé pra quem é forte, fé pra quem é foda
Fé pra quem não foge a luta (yeah, yeah)
Fé pra quem não perde o foco
Fé pra enfrentar esses filha da puta
Ô, ô, ô, mãe, ô, mãe do céu
Ô, mãe, ô, mãe do céu
(Iza - Fé)*

Diante da pandemia provocada pela COVID-19 foi inevitável a adequação à nova realidade tanto nas relações sociais, como no ambiente profissional e comportamental das organizações. Assim, todas as áreas de atuação profissional foram obrigadas e/ou ‘convidadas’ a se reinventar, fato que coloca em evidências situações inadequadas e ou indesejáveis em organizações, como as falhas de sistemas, antes – em “tempos de normalidade”, considerados como saudáveis e rentáveis. Esse cenário no Brasil é intercalado com a insegurança e ausência de políticas sociais e econômicas que resultem em estratégias de enfrentamento que mitiguem os efeitos negativos causados pela pandemia da COVID-19, ambos decorrentes e apoiados por um governo autoritário e guiado pela rejeição e negação da ciência e do respeito às instituições democráticas, conforme ocorreu no período de 2018 a 2022 no Brasil (Braz, 2020; Chuchu, 2020). No escopo profissional de pessoas negras inseridas nos espaços contábeis, isso se reflete na confluência relacional do sujeito-trabalho.



Optamos pelo uso do termo confluência relacional do sujeito-trabalho, devido ao fato de estimarmos que esse relacional é o que fornece direção para um mesmo ponto no mundo do trabalho na sociedade contemporânea, ou seja, o lugar social do sujeito na sociedade, depende da confluência que o mesmo estabelece ou lhes é imposto em relação ao ambiente de trabalho. Essa ideia é parte de um conjunto de discussões que entendem o trabalho como o meio que insere o sujeito na sociedade e a ausência deste marginaliza-o.

Pesquisas recentes, como a de Closs & Rocha-de-Oliveira (2015) mostram como contextos econômicos e organizacionais brasileiros influem na trajetória profissional de executivos. Estes empasses também estão presentes na academia, na qual o acesso para a carreira docente no ensino superior para mulheres negras representa o enfrentamento de desafios, inscritos principalmente no racismo estrutural presente na sociedade brasileira (Silva, 2016; Nganga, 2019). Em um contexto dito “normal” o acesso e gradação na carreira já encontra barreiras. A pandemia provocada pela COVID-19 apresenta características que são particularmente capazes de provocar alterações nas experiências, na percepção e na trajetória profissional de pessoas negras nos espaços acadêmicos contábeis.

Dessa forma, explorar a historicização das relações de trabalho em espaços contábeis no contexto brasileiro com os efeitos da COVID-19 torna-se elementar, principalmente diante do enfraquecimento de políticas de trabalho, emprego e renda, que podem ter alcançado de maneira devastadora a população negra. É evidente, que as trajetórias profissionais no período da pandemia da COVID-19 ganharam características inscritas em vulnerabilidade coletiva e incerteza (Braz, 2020), aspectos que por vezes conduziram a sociedade a um novo mundo do trabalho (Braz, 2020; Fiocruz, 2020).

A trajetória profissional, em uma sociedade dita moderna (Bauman, 2001), é compreendida como uma sequência de experiências de trabalho que se entrecruzam com relações de gênero, raça, classe, família, cultura, entre outras dimensões da vida em sociedade. Bauman (1999) discorre que “existência é moderna na medida em que contém a alternativa da ordem e do caos” (Bauman, 1999, p.14). Nesta perspectiva, a trajetória profissional pode ser compreendida como um conjunto de experiências que o sujeito vai colecionando ao longo de sua vida e à medida que vai se expondo e sendo exposto a contextos sociais (Bauman, 2001; Zanazzi, 2016; Lopes, 2021).

Assim, a noção de trajetória profissional é conduzida por um espaço interdisciplinar, que envolve aspectos psicológicos, sociológicos e econômicos (Khapova & Arthur, 2011; Closs & Rocha-de-Oliveira, 2015). No que se refere ao aspecto psicológico existe um interesse “por compreender como as diferenças individuais, as necessidades e as capacidades adaptativas influenciam as carreiras” (Closs & Rocha-de-Oliveira, 2015, p. 527-528). Observar este aspecto junto à população negra em espaços universitários contábeis é discorrer sobre um processo de diversidade e inclusão, o qual pode revelar tessituras racistas, se considerado o racismo estrutural ao qual a sociedade brasileira está exposta (Almeida, 2019).

Na perspectiva sociológica busca-se mapear como os “indivíduos são moldados pelos grupos sociais em que são socializados e como as ações cotidianas das pessoas reforçam e reproduzem estruturas sociais”. (Closs & Rocha-de-Oliveira, 2015, p.527-528). A população negra no Brasil foi socializada por meio do não merecimento, e por trabalhos de subserviência. Nesta direção, narrar como um corpo preto se estabelece no ambiente contábil e como ocorre ou não acolhimentos é fornecer novas perspectivas para



os processos históricos de exclusão e apagamento. Ademais, essas narrativas possuem a capacidade de construir memórias afetivas, empáticas e reparatórias de uma camada da população que é segregada pelos racismos estrutural e institucional.

Sob o aspecto econômico, ele “centra-se no trabalho físico e mental usado para produzir bens e serviços, em conhecimentos e habilidades que permitam às pessoas produzir” (Closs & Rocha-de-Oliveira, 2015, p.527-528). Desde os momentos iniciais de invasão, com a chegada dos colonizadores vindos de Portugal para o Brasil, a mão de obra escravizada sustenta este país. Ao longo do tempo ela foi mudando de forma, mas ainda hoje, vez por outra, surgem denúncias de cenários que alocam a população negra em condições de subserviência e degradação. Reconhecer o trabalho mental, em detrimento do físico, realizado por pessoas negras em universidades é um ato de quebrar barreiras e contar novas histórias, dar espaço para as vozes silenciadas, pela admissão de histórias únicas (Adichie, 2009).

Ao ampliar a compreensão referente à construção conceitual de trajetória profissional para pessoas negras, há elementos que nos levam a inferir que as alterações sociais provocadas pela pandemia da COVID-19 influem sensivelmente nestas trajetórias, onerando cada passo. Isto porque o contexto modificado nas trajetórias de pessoas profissionais negras sofreu influência em suas ações, diante do trabalho remoto e devido às transformações impostas na sua realização também ou principalmente no ambiente doméstico e familiar, transformando-o em uma arena organizacional e de produtividade.

Este cenário representa desafios consideráveis, primeiro para todos os sujeitos presentes nos diferentes espaços, como os contábeis e que fazem parte da circulação de produtos e serviços advindos resultantes de processamentos contábeis. Como também para a economia, pois reúne potencial, a curto e longo prazo, de identificar efeitos desse período nos processos, inclusive os internacionalizados (McKibbin & Fernando, 2020). Como a maioria da população negra enfrenta uma série de circunstâncias que as colocam em situações de vulnerabilidade – seja material ou emocionalmente falando -, os efeitos penosos da pandemia sobrecarregam de forma singular este recorte populacional.

Em maio de 2023 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o fim da Emergência de Saúde Pública de importância internacional referente à COVID-19. No entanto, desde o primeiro caso ocorrido em 17 de novembro de 2019, em na província de Hubei, próximo de Wuhan, na China, o mundo experimentou uma nova forma de vida ou melhor de subvida.

Neste sentido, é necessário analisar como as pessoas, as organizações e instituições se reestruturam, diante de um espaço econômico e social de insegurança e instabilidade, além dos efeitos destas mudanças na trajetória profissional de pessoas negras, como também em espaços de ensino-aprendizagem contábil. Partindo deste propósito, a nossa questão de pesquisa é: como as transformações da sociedade contemporânea, consubstanciada na pandemia da COVID-19, influenciaram e seguem influenciando na trajetória profissional de pessoas negras na contabilidade? Para tanto, foi necessário identificar e analisar como as transformações na sociedade contemporânea, consubstanciada na pandemia da COVID-19, influenciaram e seguem influenciando na trajetória profissional de pessoas negras na contabilidade. Para tanto, foi necessário compreender as experiências dos sujeitos participantes desta pesquisa e atuantes como professores contábeis, para iluminar a posicionalidade destes e identificar as interações dinâmicas entre os efeitos da pandemia da COVID-19 e o esquema relacional do sujeito-trabalho.



Nos últimos anos verifica-se um grande esforço de pesquisadoras da área de ciências sociais aplicadas para compreender os fenômenos que interferem na ascensão dos grupos não-hegemônicos. Seja referente a assuntos de gênero, raça ou identidade social, alguns avanços estão sendo identificados. Nesta disposição, destacam-se algumas investigações que foram apoiadas em assuntos que carecem de maior atenção e cuidado por parte da contabilidade. Nessa direção, estão investigações como os trabalhos de Silva (2016), Nganga (2019), Manhães (2021) e Quintão e Paula (2021).

A investigação de Silva (2016) ganha destaque ao explorar o fenômeno denominado “teto de vidro” (*glass ceiling*). Ao se deter na trajetória acadêmica de mulheres negras na contabilidade, a pesquisadora investigou temas relacionados aos processos de sexualização e racialização enfrentados por professoras negras nas universidades em que lecionam. A técnica de elaboração do *corpus* de pesquisa se deu por meio de entrevistas semiestruturadas e o método de levantamento de evidências foi o da história oral. Depois de analisar as experiências daquelas mulheres e destacar as subjetividades excludentes que marcam suas vivências, os resultados da investigação demonstraram que o fenômeno rebatizado como Tetos de Vitrais está presente na contabilidade. A autora aponta que a área não tem incentivado o avanço de novas pesquisas com o mesmo recorte. Em seus escritos, menciona que todas as mulheres negras entrevistadas experienciaram algum tipo de preconceito, seja na vida pessoal, no trabalho ou em ambos durante suas trajetórias acadêmicas.

Reflexões adicionais também são vistas na investigação de Nganga (2019), em sua pesquisa, a autora propôs uma imersão sobre a influência dos processos de formação e de socialização experienciados por doutorandas de programas de pós-graduação em Ciências Contábeis, na construção de suas identidades profissionais docentes. A autora entrevistou 13 doutorandas de diferentes programas de contabilidade no Brasil. Os relatos feitos pelas entrevistadas possibilitaram que a autora chegasse a algumas conclusões no que se refere às experiências positivas e negativas vividas por estas doutorandas durante suas passagens por programas de pós-graduação. No que se refere aos aspectos negativos, obteve-se relatos de como o ambiente é formatado pela masculinização, exigências, estresse e pressões por publicação. No relato das doutorandas que são mães, a autora destaca que estas sinalizam a dificuldade em conciliar academia e maternidade, e mesmo para aquelas que não o são, também enfrentam conflitos em conciliar a vida pessoal e profissional. A autora concluiu que mesmo essas doutorandas sendo resilientes e dispostas a construir relações mais humanizadas com seus alunos, os desafios continuam, e tais fatores, evidenciados na pesquisa, podem explicar o baixo número de mulheres na academia contábil brasileira.

Um passo adicional também foi dado por Manhães (2021), o trabalho da autora teve como objetivo abordar os desafios da profissão docente nos cursos superiores de ciências contábeis do Brasil, e como tal, a autora investigou a substituição da mão de obra docente pela tecnologia e as mudanças oriundas da pandemia do Covid-19. A autora adotou o questionário como técnica de coleta de dados e contou com 288 respondentes, estes por sua vez já haviam atuado como docente ou possuíam tais cargos nas instituições que estavam vinculados. Os resultados demonstraram que 63,19% dos respondentes são do sexo masculino e a faixa de idade da maioria dos participantes da pesquisa está entre 31 e 40 anos e 68% possuem uma renda mensal de mais de R\$ 5.000,00. Evidências adicionais, referem-se à resiliência docente que, segundo a autora, não seria um fator relacionado aos desafios profissionais enfrentados pelos docentes. De maneira adicional



a pesquisa evidencia que as mudanças tecnológicas, tais como a forma de conduzir uma aula, que antes estava encenada em um ambiente presencial, e com o advento da pandemia da COVID-19 passou a ser ministrada por meio de plataformas de videoconferência, exigiu treinamento e reconhecimento dessas interfaces tecnológicas de ensino. Conforme a pesquisadora, as contingências levam à mudanças na carreira docente e estas se alteram ao longo do tempo. A tendência nestes casos é a de que haverá mais suporte social de pessoas que não fazem parte do ciclo familiar, a exemplo de colegas de trabalho e amigos próximos para suporte e atendimento das contingências advindas do meio educacional.

Quintão e Paula (2021) realizaram uma reflexão a respeito das dificuldades enfrentadas por mulheres negras para o acesso à carreira docente no ensino superior. O manuscrito reúne potencial para somar à construção da carreira docente de mulheres negras. Assim, Quintão e Paula (2021) criam um alerta revelando as tessituras presentes na carreira acadêmica. Na pesquisa consta um posicionamento crítico ao racismo estrutural presente nas esferas educacionais, os quais precisam ser questionados.

No mesmo sentido, vale a reflexão da autora americana Hooks (2019, p.32), em um dos trechos de seu livro intitulado “Olhares Negros: raça e representação”, a autora mencionam que “uma tarefa fundamental dos pensadores negros críticos tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser”. Segundo a autora, “essas barreiras bloqueiam a capacidade dos negros se veem em outras perspectivas”. Dessa forma, fomentar o debate envolvendo trajetórias profissionais de professores de contabilidade, negritude, sobretudo no contexto da pandemia do covid-19 é uma forma de fomentar o debate a respeito de raça na contabilidade. Além disso, é uma oportunidade de questionar e desalojar as estruturas de branquitude que cercam a construção da academia contábil brasileira.

2 TRAJETÓRIA DE PESQUISA

A pandemia da COVID-19 causou extrema instabilidade no trabalho, emprego e renda no Brasil (Braz, 2020), cenário que causou circunstâncias precarizadas na vida pessoal e profissional das pessoas. No caso das pessoas negras este contexto potencializou defasagens históricas, proporcionando momentos ainda mais críticos de vida. Nesse sentido, torna-se relevante esta investigação à medida que é conduzida em um espaço que possui raízes tradicionais e técnicas (Araújo; Assaf Neto, 2003) e que passou por alterações com o advento da pandemia da COVID-19. Um exemplo, foi a imersão dos sujeitos em um formato *home office* de trabalho, esse formato impôs as organizações repensarem seus processos de remuneração, condição para o desenvolvimento da tarefa, avaliação de desempenho e qualidade de vida, dentre outros elementos que permeiam a realidade organizacional e que com o cenário da pandemia da COVID-19 precisou ter a roupagem revista.

Nesta direção, este trabalho alinha experiências vividas em um contexto social específico, o que reúne potencial para oferecer contribuições significativas, ao oferecer uma compreensão sobre as transformações da sociedade contemporânea provocadas pela pandemia da COVID-19 na contabilidade. Enquanto pessoas se detiveram nas transformações na vida pessoal e profissional, esta pesquisa proporciona um mapeamento de efeitos psicológicos, sociológicos e econômicos da pandemia nas trajetórias profissionais de sujeitos negros em espaços universitários contábeis. Esta contribuição deve ser vislumbrada como uma das primeiras experiências a respeito dos efeitos da COVID-19 na trajetória profissional de pessoas negras em espaços universitários



contábeis. Esperamos ainda que tanto no curto, quanto a longo prazo possa servir de suporte para alinhamento da confluência relacional sujeito-trabalho.

Cida Bento (2022, p. 11), contando sobre sua trajetória, lembra da dor imposta ao perceber que as portas estavam reiteradamente fechadas para ela, que segundo causavam “dor, dúvida em relação à competência profissional e insegurança em relação ao futuro profissional”. Assim, empiricamente, a partir da metodologia de história de vida, identificada como uma estratégia de pesquisa pouco explorada na área de contabilidade (Heynes, 2010; Silva, 2016) busca-se construir evidências que falem destes significantes para os participantes. Paulilo (1999, p.140) sinaliza que por meio da “história de vida pode-se captar o que acontece na intersecção do individual com o social, assim como permite que elementos do presente fundam-se a evocações passadas”. Além disso, a história de vida permite identificar as “limitações das amplas estruturas sociais, políticas e econômicas” (Hatch & Wisniewski, 1995, p. 128).

Nesse sentido, a estruturação do *corpus* de pesquisa desta investigação deu-se por meio de narrativas dos participantes, aqui denominados como Abdias Nascimento e Luís Gama, como uma forma de preservar o anonimato destes colaboradores. Foi solicitado no mês de dezembro de 2022 aos mesmos para discorrerem sobre as suas histórias de vida e sobre como a pandemia afetou cada trajetória profissional, enquanto docentes de contabilidade. Essa estratégia de discurso livre sem previamente prever as construções conceituais é uma técnica empregada também em estudos que possuem por base a biografia coletiva (Basner et al., 2018; Santos, Lopes & McGuigan, 2022).

O *corpus* recebeu tratamento por meio de análise narrativa. Conforme Dornelles e Sauerbronn (2019) as narrativas representam uma sequência de textos relatados pelos participantes da pesquisa com começo, meio e fim, e, por vezes, devem ser conduzidos por um acontecimento. Nestas condições observa-se nesta pesquisa que o acontecimento em torno dos fatos é representado pela pandemia da COVID-19. Além desse aspecto, é uma metodologia a ser explorada de modo mais enfático na contabilidade, se considerado a pouca popularidade do método. A análise das narrativas deu-se por meio do modelo de análise temática. Segundo Riessman (2008) na análise temática o pesquisador está preocupado com a interpretação do significado das histórias, ou seja, qual o significado que a narrativa cria ao ser constituída a partir de um acontecimento.

Assim, após o recebimento das narrativas, as quais ocorreram por *e-mail* fez-se a leitura das narrativas do Abdias Nascimento e do Luís Gama de modo coletivo entre os pesquisadores em três reuniões *onlines* entre os meses de janeiro a abril de 2023. Com a leitura coletiva foi possível estabelecer significados e nuances a respeito das trajetórias de professores negros durante a pandemia da COVID-19. Um ponto a ser reconhecido é que os autores da presente pesquisa são docentes e também foram expostos às mudanças preconizadas pela pandemia. Nesta direção, ao buscar interpretar as narrativas criando significados para as histórias contadas em alguns momentos os pesquisadores se viam nas narrativas, o que permite a criação de significados ainda mais contundentes para explicar os efeitos da pandemia na trajetória desses professores.

3 PANDEMIA DA COVID-19 E TRANSFORMAÇÕES CONTÁBEIS RESULTANTES

Inicia-se essa discussão de resultados a respeito de como as transformações da sociedade contemporânea, em razão da pandemia da COVID-19, influenciaram e seguem produzindo efeitos em trajetórias de professores negros nos espaços universitários



contábeis a partir da história de vida de Abdias Nascimento e Luís Gama. Abdias Nascimento é do interior da Bahia, um homem de 33 anos, negro, solteiro, formado em ciências contábeis desde a graduação, no mestrado e até o doutorado. É importante observar que a tomada de consciência do corpo negro que ocupa Abdias Nascimento, inscrito no Figura 1, deu-se ao longo do tempo desde o momento que se percebeu nos espaços reservados predominantemente à branquitude.

Bento (2022) escreve sobre a herança escravocrata e os seus impactos positivos para as pessoas brancas, ou seja, descreve o Pacto Narcísico da Branquitude. Para tanto, elabora um diálogo com o cenário político atual do Brasil e os tantos episódios de violência contra a população negra que marcam dentre as características do país, para explicar a perversidade da aliança tecida por brancos para perpetuação da ordem vigente.

A Figura 1 - Histórias de Vida de Abdias Nascimento apresenta a narrativa do que representou o pico do período pandêmico para o professor.

Sou negro, do recôncavo baiano e filho de agricultores, desde cedo sabia que não queria morar no interior, ser dono de bar ou fazer farinha, por mais digno que seja ser dono de bar ou fazer farinha, eu achava o trabalho do meu pai pesado, exaustivo, queria uma vida mais confortável, poder comprar muitos biscoitos [nome de marcas de biscoito]. Também sou o sobrinho mais velho por parte de mãe, as minhas cinco tias sempre trabalharam em casas de família como domésticas, eu, aproveitava minhas férias escolares nessas casas. Tudo era muito novo, quartos grandes e tinha uma variedade gigante de brinquedos, e biscoitos recheados da [nome de indústria fabricante de biscoitos], aquilo era um sonho para mim. Já adolescente, continuei indo para a casa de veraneio destas famílias brancas, mas, não estava indo mais a passeio e sim a trabalho (fazia de tudo), nestes ambientes presenciei situações que me fizeram refletir que eu não estava em “pé” de igualdade com aquelas pessoas, nem mesmo as minhas tias. Mas foi no último ano do ensino médio que essa questão se tornou ainda mais palpável, eu que já colecionava inúmeros certificados de cursos profissionalizantes. Pedi um trabalho na cidade a um membro dessas famílias brancas, que tinha uma metalúrgica bem conhecida na região, enviei meu currículo, achava que ficaria em uma função administrativa, que ilusão, me comunicaram que eu trabalharia na área de expedição, carregando e descarregando placas de metais pesadas. Iniciei a experiência, mas com três dias e com apoio dos meus pais abandonei aquele serviço. Anos mais tarde, já na universidade, entendi os significados de ser pobre e negro em uma sociedade racista. Os bons cargos não existiam para nós, porque ninguém os criava pensando em nossa ocupação, a partir daquelas reflexões, vi nos estudos uma forma de, mesmo que lentamente, de ocupar espaços, abrir caminhos e legitimar nossa existência, enquanto raça única, vívida e plural.

Pelo Prouni na categoria de bolsista, modalidade cotista racial me graduei em *Ciências Contábeis*. Sou Pós-graduado em Contabilidade Gerencial com ênfase em Controladoria, mestre e doutorando em Contabilidade. Atualmente sou professor colaborador em uma instituição pública do interior do estado [nome do estado], além de atuar como docente e orientador em cursos de especialização.

[...] Durante a Pandemia da COVID-19, *nem sempre acordava disposto a dar uma aula bacana*, o duro era *me auto motivar e motivar meus alunos*, a rotina era exaustiva, era necessário gravar *todas as aulas*, subir no *YouTube*, aprender a “formatar” as aulas de acordo com as novas demandas da pandemia e as demandas das turmas, gerenciar “conflitos” com alunos, que muitas das vezes exigiam ainda mais, não sinto saudades daquela época, não me sinto bem com o desfecho final que culminou na minha demissão. Eu ensinava em uma *instituição privada que a direção dava total autonomia para os alunos*, sentia que eu não tinha poder nenhum sobre as turmas, era apenas um instrumento passivo, no ano anterior ao da pandemia, estando no presencial, já me questionava sobre o tratamento que recebia de alguns estudantes, *será que era por conta da minha cor de pele? Comprei roupas novas, para de alguma forma passar mais credibilidade. Isso se estendia no período da pandemia*, em frente às câmeras tentava sempre aparecer bem, para isso adquiri uma luz de *led*, microfone e um *notebook* novo.

Fui demitido em plena pandemia, para mim, foi um misto de *tristeza e aflição*. Tristeza porque eu não soube o porquê fui demitido, simplesmente fui chamado para uma reunião com meus coordenadores, que em um relance de minutos, mais precisamente três, me informaram que a partir daquela data eu não fazia mais parte da instituição. *Aquele dia foi duro, eu não sabia o que fazer ou o que seria de mim nos próximos meses*, precisava me manter na cidade, pagar meu aluguel e algumas contas, naquele momento, tudo caiu por terra e



fiquei pensando na possibilidade de um retorno para minha cidade natal, por outro lado, lá as *oportunidades eram escassas e naquele momento de pandemia* poucas eram as instituições de ensino superior que estavam contratando professores novos, pelo contrário, também estavam em processo de redução do seu quadro.

Como sou estudante, também estava com receio de *perder a bolsa no ano seguinte*, pois as *regras para concessão de bolsas estavam mais rígidas*, minha alternativa era tentar concursos em outros estados e cidades ao redor da capital [*nome do estado onde residia*] onde eu morava para garantir um trabalho, ao menos remoto e que servisse de auxílio para finalizar o doutorado. Fiz algumas seleções *online*s e outras presenciais que me garantiram a aprovação e ficar mais aliviado, pois eu sabia que conseguiria me manter daquela maneira por um período. *A sensação de insegurança financeira era diária*, eu tentava me manter otimista, mas, ser otimista foi uma maneira que encontrei de não expelir minhas frustrações que estavam mais latentes naquele período, me cobrei por não ter um relacionamento, *por ter tirado C em uma disciplina, por não estar sendo um pesquisador produtivo, por ser negro e se minhas escolhas foram as mais assertivas até então*. No período mais crítico da pandemia, por indicação de amigos, comecei a fazer terapia. Para mim foi importante para gerenciar minhas prioridades, demandas diárias e pensamentos desviantes que eu estava tendo na maior parte do tempo. Como residio fora do meu estado de origem, passei dias com medo de não conseguir ver meus familiares por conta da pandemia, temia muito por meus pais e tentava manter o máximo de contato, praticamente diariamente, e sempre fazia as mesmas recomendações “se alimentem certinho”, “bebam água”, “usem máscaras”. A reflexão também partia do outro lado, “e se eu ficasse doente?” Quem iria me amparar? Foram dias difíceis, a rotina era bem caseira, o mercado e as farmácias viraram meu passatempo preferido, mesmo que de maneira mais restritiva.

Os medos ainda continuam, as inseguranças e questionamentos são diários, me pergunto se terei espaço nos concursos públicos para professor efetivo, enquanto essa pergunta não é respondida, é comum ouvir diariamente “faça porque isso vai ser bom para seu currículo”, realmente é necessário ter um excelente currículo, mas me questiono até quando terei que pensar no meu currículo já que o mesmo está associado a realizarmos múltiplas funções ao mesmo tempo? *Mesmo com tantos desafios vivenciados, hoje integro um grupo de trabalho muito bom, e vejo que voltar para o presencial é renascer novamente. Quando voltamos para as aulas presenciais, pouco menos de 1 ano, tive a mesma empolgação de quando entrei a primeira vez para ministrar aulas, há dez anos atrás*, O nervosismo foi o mesmo, a gagueira e o frio na barriga também. Nestes meses percebi que os alunos também estavam se readaptando aos trabalhos em grupos, a estreitar relações com seus colegas novamente e com os professores. E as aulas presenciais voltaram a ganhar forma e fôlego e isso é animador de ver nos corredores, no Restaurante Universitário, na secretaria e na sala dos professores.

Figura 1. Relato de Vida Abdias Nascimento.

Fonte: Dados da Pesquisa

Logo na apresentação de Abdias Nascimento, nos chama a atenção a ausência da figura materna na narrativa. O que pode ser lido como negação ou por somente estabelecer um vínculo com um processo “hereditário” da profissão do genitor. Depois disso, a atitude excludente e racista dos membros da família levam Abdias Nascimento a experimentar uma dor intensa. O preconceito veio de onde ele não esperava. Algo que também se destaca e que é corriqueiro para a maioria da população do país, a ânsia por acessar bens de consumo. No caso de Abdias Nascimento, a vontade de ter acesso a biscoitos recheados e de marcas tidas como de melhor qualidade. Um retrato da desigualdade social no Brasil. Também há algo como que um processo de pré-determinação do lugar que o corpo negro deve ocupar (Hasenbalg; Gonzalez, 2022).

Observa-se também que a ambição é um elemento presente na vida desse participante. Para Abdias Nascimento é importante mudar a realidade em que vive, perseguindo condições de vida mais confortável. Nessa direção, a manutenção dessa ambição ocorre por meio da aquisição de biscoito [*nome de marca*] e o acesso a estes foi vislumbrado a partir do acesso à educação. Por vezes foi preciso criar pontes para acessar os espaços tido apenas para a branquitude. É triste observar uma criança ou adolescente vislumbrar acesso a um biscoito.



O acesso de Abdias Nascimento ao ensino superior ocorreu por meio de políticas públicas. A efetividade das políticas afirmativas têm sido constantemente observadas, as quais são construídas com vistas a minimizar os processos de desigualdades instalados no tecido social brasileiro. Os números nos informam que em uma universidade brasileira a evasão dos alunos de ciências contábeis ingressantes pelo sistema de cotas é de 23%, enquanto que os alunos ingressantes pela ampla concorrência é de 25% (Campos et al., 2017). Assim, as Políticas Afirmativas seguem sendo consolidadas como uma importante ferramenta para viabilizar o acesso e permanência ao ensino superior.

As aulas *online* geraram um desgaste emocional no Abdias Nascimento, como para muitas outras pessoas que atuam como educadores. A Pandemia imprimiu condições adversas para realização do trabalho. Professores foram “convidadas (os)” a professorar em uma realidade totalmente diferente a que estavam habituadas a ensinar. E ainda arcar com o ônus da aquisição de materiais técnicos de qualidade, o que não é e nunca foi de responsabilidade do educador. No Brasil esta prática foi sendo inserida na vida de profissionais como se estivesse correto exigir tais condições. Tudo em tempo recorde e sem preparação ou orientação. Além disso, é perceptível que a pandemia impôs uma nova rotina em termos de conduzir o processo de ensino-aprendizagem, em termos de ministrar aulas, gerenciar conflitos e disponibilizar materiais. A sala de aula precisou agregar a atuação com técnicas relacionadas à psicologia. Além do mais, como os educadores estavam em casa, este espaço passou a ser o espaço universitário. Com isto, a separação da vida pública e privada ficou ainda mais confusa (Bauman, 2001).

Abdias Nascimento relata que ao ser demitido no período pandêmico foi tomado por um sentimento de tristeza e aflição que o levaram a pensar em retornar para sua cidade natal, na Bahia. É difícil e novamente doloroso se dar conta que todo seu esforço não fora reconhecido. Ele volta a se ver em uma situação onde as titulações não lhes conferem segurança. A fragilidade e falta de garantias próprias ou exacerbadas no período pandêmico, foi destruturante para muitas pessoas. É necessário realçar as questões relacionadas aos privilégios. É desrespeitoso desligar alguém das suas atividades sem que esta ao menos saiba os motivos pelos quais estava sendo afastado. Se houver pontos que requerem melhoria, estes pontos precisam ser socializados. Assim, a pessoa pode atentar para que seja diferente e melhor no futuro ou até rever suas práticas, sem o seu desligamento. Mas é preciso conhecer.

É importante destacar no relato de Abdias Nascimento o fato do mesmo possuir elevadas inseguranças no seu período de pós-graduação. Tal insegurança, se soma ao fato do mesmo ter sido demitido. Além disso, é observado que as regras rígidas para a concessão de bolsa de estudo no programa de pós-graduação foi algo que fez o Abdias Nascimento se autoquestionar a respeito de quem ele era, enquanto homem, negro e pesquisador. Aqui observa-se uma situação que de um lado existe um professor que mesmo diante das suas inseguranças investe em materiais para condução de suas aulas e do outro um professor que foi demitido, mesmo tentando manter a qualidade do ensino.

A Pandemia potencializou a não condição de milhares de pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade. Abdias Nascimento se viu cuidando de si e cuidando dos seus. A solidão e o medo pelo desamparo, conforme Silva (2022) é algo que paralisa, dada a sensação de impotência. A classe social e a cor da pele - não necessariamente nesta ordem - exclui e adoecem. Abdias Nascimento se viu, outra vez, se aproximando das determinações excludentes. Esta vivência, somada ao isolamento proporcionaram momentos de autoquestionamentos de invalidação. Este é um processo amargo para os



sujeitos não-hegemônicos presentes nesses espaços. Abdias Nascimento revela sentir-se sendo empurrado para distante do que alcançou e convocado a ficar “no seu lugar!” Isto pela forma que são criadas condições para expulsar alguns corpos dos espaços de branquitude (Hasenbalg; Gonzalez, 2022).

Para além da constatação, a realidade vivida por Abdias Nascimento na pandemia da COVID-19 reverbera a manutenção das estatísticas, as quais revelam a baixa representatividade de pessoas negras nos espaços de educação contábil. No Brasil, apenas 16% dos professores lotados em universidades públicas se declaram negros (Ipea, 2017). A pesquisa de Quintão e Paula (2021) realiza uma reflexão a respeito das barreiras enfrentadas por docentes negros para acesso aos postos de trabalho no ensino superior enquanto docentes, com ênfase para a situação das mulheres. A pesquisa revela a ausência de professores negros nos espaços educacionais. Dessa forma, “a academia estará fadada a continuar majoritariamente elitista, monolítica e distante do Brasil que existe para além dos muros das universidades” (Quintão & Paula, 2021, p. 8). Essa continuidade está amparada pela ausência de questionamentos a respeito do racismo estrutural que cercam os pilares da acadêmica. O diálogo e o reconhecimento desse cenário é um caminho para a criação de espaços de permanência.

Abdias Nascimento também relata processos de Esperançar (Freire, 2006). Ao retornar para sala de aula e se identificar com sutilezas do dia-a-dia. Ele se emociona ao perceber que todas as pessoas seguem se reconectando e reaprendendo a se colocar naquele ambiente. Freire (2006, p. sn) afirma que

“... é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”.

Neste sentido, Abdias Nascimento ‘se levanta’ (Angelou, 1978) e fala de motivação, de se encontrar no ambiente de trabalho, fala do voltar a se ver entre pares. Ele também trata do frio na barriga, da ansiedade de se encontrar em um lugar onde se sente bem. Ou seja, da oportunidade de construir relações que nos afaste do pensar em desistir e impulse a seguir em frente e avançar em conjunto, do juntar-se para erigir junto, conforme Freire orienta.

Com vistas a ampliar as narrativas da trajetória de pessoas negras que atuam, como professores em espaços universitários contábeis, avançamos com o olhar de Luís Gama, a respeito das transformações da sociedade contemporânea, consubstanciada na pandemia da COVID-19. Luís Gama é um homem, negro, gay, com 29 anos de idade, solteiro, e o primeiro a ter acesso ao ensino superior na sua família. Formado em contabilidade tanto no mestrado como no doutorado. A sua graduação também se deu em uma escola pública e é em ciências contábeis. Na Figura 2 é apresentado o relato de vida do Luís Gama no período pandêmico.



Sou Luís Gama, *um homem negro, gay, filho da Maria Carolina uma mulher negra auxiliar de enfermagem e do Pedro, um homem branco e pedreiro*. Sou do interior do estado de São Paulo. Nunca tive vergonha de pegar uma bandeja de tortas e sair vendendo na minha cidade para ajudar na renda da minha família. Passamos por poucas e boas. Principalmente quando a minha mãe ficou sem receber por parte de um processo de corrupção da Prefeitura Municipal. Hoje sou doutor em contabilidade e o primeiro da minha família a ter acesso ao ensino superior. Enfrentei a pandemia da COVID-19 - os primeiros meses - com a minha irmã em um apartamento no sul do Brasil e após um tempo fiquei sozinho, pois minha irmã foi enfrentar esse caos junto com os meus pais, no interior de São Paulo.

Sou professor de contabilidade. Construí a minha trajetória acadêmica em instituições do sul do Brasil e possuo formação de mestrado, doutorado e graduação em ciências contábeis.

A pandemia da COVID-19 *alterou drasticamente a nossa forma de fazer educação em um país majoritariamente negro*. Dentro da minha trajetória posso afirmar que não tive problemas econômicos no que tange cumprir as minhas obrigações com o aluguel, alimentação e condições mínimas básicas para a vida. O maior problema da pandemia na minha trajetória profissional foi “o ser professor”. *Como ser professor diante de uma loucura que estava acontecendo lá fora*. Na época eu dava aula em uma instituição de periferia no sul do Brasil. E claro *o meu corpo negro se interseccionava com a vida de muitos dos meus alunos*. A mesma realidade deles em uma parte da minha vida foi a minha também e perceber a forma como eles estavam enfrentando a pandemia me despertava cada vez mais um sentimento de empatia pelos meus alunos e ao mesmo tempo éramos obrigados a deixar esse sentimento de lado em algumas situações, pois estávamos ali para cumprir uma missão, criar condições para que o conhecimento fosse perpetuado.

A pandemia foi cruel para mim enquanto professor negro e alocado em uma instituição de ensino de periferia. Sabe por que eu falo isso, porque na maioria das vezes eu fui obrigado a *ver meus alunos criar meios de vender alguma coisa para ajudar na renda*, vi muitos deles trancarem o curso porque haviam perdido o emprego e ao mesmo tempo você precisa continuar ali firme e forte. *Na pandemia eu pude perceber o quanto vivemos de um personagem e o quanto o Brasil é desigual*. É claro que já tinha essa consciência, mas viver essa situação é algo totalmente diferente. Em algumas situações as aulas giravam em torno do familiar que está internado, de um coordenador que foi internado, de um vizinho que foi a óbito. É muito difícil rejeitar esse cenário e não incutir esses elementos na sua aula. Acredito que esse *processo de empatia mudou de forma significativa o meu conceito de ser professor* e já ter passado pela realidade de insegurança a qual os alunos estavam passando é algo que machuca e em alguns pontos flexibilizou a nossa forma inclusive de avaliação. Da mesma forma que eu não percebia esse comportamento enquanto empatia por parte de alguns outros colegas que gerenciavam o processo de ensino como se nada estivesse acontecendo.

Mas voltado a falar de vida e esperança, na sala de aula eu percebia que eu era um suporte para os meus alunos então passei a brincar com aquela cena pandêmica. Os nossos exercícios levavam o nome de períodos do ano, a exemplo de Empresa Asa Branca, Empresa Junina, Empresa Retomada. *Em algumas aulas ia inclusive vestido a caráter junino*, no natal lembro que me enchi de lâmpadas natalinas e abri o *meet*, na ocasião foi um alvoroço só. Percebi que o professor tem um papel de construir espaços de esperança também. No começo da pandemia a necessidade de ser produtivo era algo que vendeu muito bem, quanto mais curso você fazia, melhor você estava enfrentando a pandemia. O mundo feliz do LinkedIn permitiu que isso se instalasse de uma forma na nossa cabeça que parecia que estávamos apostando uma corrida. Passados os primeiros meses desse caos foi possível perceber que aquele cenário era a única cena disponível para que o nosso trabalho acontecesse. A educação não parou, existia dias que eu respirava fundo para entrar nas reuniões do *Google Meet* verso para que o personagem chegasse e pedia forças para o uni e de certa forma eu sempre pedia um personagem pautado na alegria, na esperança na capacidade de criar nos alunos esse sentimento de utopia, de que vai passar, vai passar.

A pandemia me levou pra terapia, lembro de uma sessão que inclusive chorei ao relatar para a minha terapeuta da situação que os meus estavam enfrentando, de ter que ir trabalhar e utilizar os ônibus lotados e basicamente não poder fazer nada. O medo nos leva a loucura. Pensei várias vezes em pedir demissão em qualquer hipótese das aulas voltarem sem uma vacina e praticamente eu estava disposto a pedir sim, demissão e preservar a minha vida. Foi um período complicado.

Figura 2. Relato de Vida Luís Gama.

Fonte: Dados da Pesquisa

Desde muito cedo Luís Gama precisou sair para trabalhar vendendo tortas para aumentar e contribuir com a renda familiar. A partir da narrativa de Luís Gama é possível



apreender que a principal renda da família era o salário de auxiliar de enfermagem da mãe. Percebemos ainda que a família é unida, e a sua organização depende das necessidades do momento, como no caso da pandemia em que a irmã foi ficar com os pais.

A pandemia evidenciou as muitas desigualdades existentes no Brasil, sobretudo para a população preta. Este recorte da população acompanhou os seus iguais ficando sem emprego, ficando sem moradia, sem ter como estudar, com fome, o adoecimento e as inúmeras mortes, este era um contexto comum a mais de 50% da população do Brasil (Schappo, 2021). O que destacamos, enquanto fato social do início de período pandêmico é a constatação de que o corpo de Luís Gama espelha o corpo dos seus alunos. Esse espelhamento gerava diferentes sentimentos e sensações, como um processo de empatia em função das vivências semelhantes. Luís Gama podia sentir o que seus alunos sentiam, porque ele viveu experiências parecidas, o que aumentava a sua responsabilidade e compromisso ao ministrar as aulas *online*. Esses sentimentos não eram percebidos por alguns colegas de profissão, o que também gerava dor.

Luís Gama ministrava aula em uma faculdade de periferia e por ser fruto de um processo de ascensão social se via naqueles alunos. E, ao mesmo tempo, teve ciência de que aquela realidade não se distanciava de tudo o que o mesmo tinha vivido ao longo de sua vida. Esse processo de encontro com o passado no outro é extremamente importante haja visto que ao longo de uma trajetória profissional enquanto negro há de se passar por situações semelhantes, pois hoje no Brasil vive-se um cenário de algum acesso à educação, seja por meio do sistema de cotas ou do sistema de acesso à educação pública por meio de políticas governamentais, que atuam como mitigadoras de um processo escravocrata que dominou e domina o Brasil, a partir de diferentes interfaces.

Como diz Luís Gama: "o professor tem um papel de construir espaços de esperança" e de leveza, utilizando recursos lúdicos como personagens e vinculações ao clima e datas festivas. Esta estratégia representa um comportamento que nutre tanto o aluno como o professor. Como o ator Paulo Gustavo (1978-2021) dizia: "rir é um ato de resistência". Nessa direção a adoção de estratégias de ensino a partir da ludicidade apresentou-se como elemento de fuga para a manutenção das aulas *online*.

O ministrar aulas e ser produtivo no processo pandêmico foi algo que mudou a percepção e a forma como se posicionar frente a trajetória profissional de Luís Gama, além de se apresentar como um sujeito de suporte para os alunos. Uma vez que, os assuntos em sala de aula também alcançavam o que estava acontecendo lá fora. É impossível rejeitar o efeito pandêmico na vida dos alunos e na realidade dos mesmos. Assim, a empatia foi algo que emergiu em todo o processo de ensino ao longo da pandemia por parte do Luís Gama em relação aos seus alunos, fato que alcança até mesmo o processo de avaliação de desempenho.

O professor Luís Gama mostra que precisava vestir um personagem na hora de dar aulas, mas que nos bastidores ele precisava de suporte emocional. Mesmo sentindo dor, mesmo diante de adversidades vividas, Luís Gama queria criar um espaço de alegria para o enfrentamento da pandemia. O processo de sobrevivência de Luís Gama possibilitou que o mesmo passasse por este momento de forma diferenciada. O mundo de ilusões das redes sociais em momentos funcionava como um incentivador e em outros como gatilhos. Como Luís Gama, vários outros profissionais ficaram saturados diante da rotina das aulas *online*.



Muitos profissionais precisaram recorrer ao apoio terapêutico para seguir atuando. Os profissionais da educação precisavam agir como verdadeiros terapeutas dos alunos, diante dos diferentes contextos também de violências dentro de casa, gerando uma rede de apoio emocional. O auxílio de terapia psicológica foi um elemento que aparece como uma forma de enfrentamento aos aspectos resultantes da pandemia e decorrente dos processos de empatia e do encontro com o outro, que ao longo do processo de ensino aprendizagem na pandemia se intensificou e alterou a forma de ser professor do Luís Gama.

É possível perceber que os enfrentamentos que Luís Gama sofria no corpo, enquanto homem negro, *gay*, periférico desenvolveram o sentimento de empatia, como se a sua experiência espelhasse a experiência dos seus alunos. Di Sarno (2020) enfatiza, que a empatia

[...] consiste na habilidade de perceber o outro, muitas vezes, sem que ele precise dizer algo acerca de sua situação emocional ou afetiva. A empatia significa colocar-se no lugar do outro, sentir suas emoções. Neste momento difícil, precisamos demonstrar interesse genuíno e ativo diante das preocupações [...] Não se sabe até quando, mas continuaremos vivenciando a pandemia em 2021, o que nos leva a questionar como e por quem serei cuidadoso.

O depoimento do professor demonstra sua iniciativa diante do sofrimento dos seus alunos, essa forma empática foi vista inclusive na sua forma de ensinar e ser professor, conforme destacado na sua narrativa. A tarefa praticada estava preconizada em compreender o aluno e o analisá-lo por dentro, a partir de um processo de empatia (Nascimento et al., 2021). Dessa forma, o processo de aprendizagem e ensino é pautado na empatia. No entanto, quando Luís Gama aponta que altera inclusive sua forma de avaliação em função desse encontro com o outro, tal cenário é um elemento de alerta que sinaliza a busca por um processo de adequação à realidade e permanência dos alunos e do professor nesses espaços de ensino-aprendizagem, diante de tamanha adversidade.

As questões relacionadas ao emocional e ao psicológico foram tão densas que as expectativas relacionadas ao uso das tecnologias se tornaram um mal menor. Diferente do que é elencado por Manhães (2021) como um desafio para a docência e para a carreira docente, as questões tecnológicas não são elementos que se apresentam como um desafio para o Abdias Nascimento e para o Luís Gama. O que se destaca nas narrativas é o volume de trabalho em relação a disponibilização de materiais e até mesmo o uso de ferramentas *online* para a construção de um processo e um espaço de comunicação entre aluno e professor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar e analisar como as transformações na sociedade contemporânea, consubstanciada na pandemia da COVID-19, influenciaram e seguem influenciando na trajetória profissional de pessoas negras na contabilidade. Para tal, elencou-se a história de vida como método para a construção de evidências sobre a vida de professores negros que enfrentaram a pandemia da COVID-19 lecionando em instituições particulares no Sul do Brasil. Assim, a partir da análise de narrativas dos participantes da pesquisa foi possível construir evidências sobre suas experiências sociais e profissionais em um cenário de incerteza e insegurança ao qual vivenciaram.



Nessa direção, lança-se luz às construções de trajetória profissional elencadas na pesquisa, de cunho psicológicos, sociológicos e econômicos. Reconhece-se que, em relação aos aspectos psicológico, foi possível observar que os efeitos da pandemia na trajetória profissional dos professores negros participantes da pesquisa estavam inscritos em sentimento de tristeza, aflição e insegurança. Já na perspectiva sociológica, quando se fala em enfrentamento, foi observado que o encontro com o outro da mesma classe e da mesma condição social gerou reflexões e sentimentos de empatia que por vezes alteraram a forma de conduzir as aulas no período remoto, e ainda mais, induziram ao desenvolvimento de estratégias de simpatia e cordialidade, o que denota uma linha tênue entre ações pertencentes ao processo de ensino e aprendizagem e a busca por pertencimento e permanência nos espaços de branquitude.

Quanto aos aspectos econômicos, foi revelador perceber como ser demitido em um cenário pandêmico pode ser visto como um gatilho para um encontro com o eu e a partir desse encontro, questionamentos surgem a respeito de confiança e pertencimento aos espaços de branquitude. No tocante as condições e as questões econômicas, avaliamos que o vínculo a algumas instituições, podem ser vistos como instrumentos de tortura e expulsão de corpos não hegemônicos presentes nos espaços contábeis.

A confluência sujeito-trabalho de professores negros, diante da pandemia da COVID-19, pode ser explicada a partir de mudanças psicológicas, sociológicas e econômicas, diante da trajetória profissional a ser assumida e esta depende do histórico de experiência da vida pessoal desses sujeitos, que se intersecciona com a sua realidade docente, uma vez que as construções de infâncias dos participantes se fazem vivas diante das realidades às quais se depararam durante a pandemia da COVID-19.

Assim, a pandemia da COVID-19 fez com que professores negros se reconheçam e se reencontrem consigo mesmos e refletissem sobre as suas estadas nos espaços contábeis de branquitude. Para além disso, a partir desses encontros, questionam-se as estruturas de desigualdades vivenciadas por professores negros, que por vezes são conduzidos a pensamentos de retorno a cidade natal por falta de recurso financeiros e até mesmo a alterações em suas metodologias de ensino, em decorrência das fragilidades dos laços de afetos e carência encontradas em sala de aula.

A partir dessas reflexões entende-se que o presente estudo dialoga com pontos sensíveis da comunidade negra contábil. Enquanto ciência social é necessário que a contabilidade desenvolva políticas e práticas que diluam as desigualdades raciais também vistas na prática docente e que na maioria das vezes são invisibilizadas. As falas dos participantes tornam-se um instrumento para compreensão dos desafios originados por uma crise de saúde global, mas esses problemas não são novos, eles sempre existiram e ainda estão longe de serem dizimados. As evidências encontradas nesta pesquisa devem possuir uma estreita conexão com pautas relacionadas à saúde mental e apoio pedagógico docente e devem ser disseminadas em eventos da área tais como: convenções, congressos, *workshops* e encontros pedagógicos.

O trabalho contribui teoricamente para a construção de modelos não-hegemônicos que permitam que pessoas negras possam se ver ocupando lugares que não os de subserviência à branquitude. Ademais, Viola Davis aponta que “as pessoas precisam ver ser sonhos materializados”. Nesta direção, acredita-se fortemente que com esta pesquisa conseguimos criar pontes para que mais pessoas negras se apropriem de espaços que também são seus.



Em termos práticos esta construção científica pode ser visualizada como uma denúncia dos níveis de desigualdades que também alcançam os sujeitos negros que estão em busca de um processo de ascensão e de ocupação em espaços lidos como para a branquitude. Silva (2022) afirma: “Estar plena na vida requer a compreensão da dinâmica dos afetos, da percepção ampliada sobre o encontro de corpos, bem como, de todas as possibilidades de utilização dessas inter-relações para se obter e ou estabelecer conhecimento.” Abrir esta “caixa de pandora” em um país como o Brasil, no qual os marcadores dos mortos pela pandemia da COVID-19 inscrevem-se em negros, negras, pobres, periféricos é uma introspecção “para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça”.

É importante salientar que mesmo seguindo cuidadosamente os protocolos metodológicos a presente investigação possui limitações. Deste modo, faz-se necessário que mais histórias sejam ouvidas, com vistas a criar um mapeamento ainda mais explícito das vivências e experiências de pessoas negras nos espaços acadêmicos e diante do enfrentamento de condições adversas, como no caso da pandemia da COVID-19. O objetivo da pesquisa e da história de vida não tem por proposta a generalização e também “não se trata apenas de escrever sobre si mesmo, trata-se de ser crítico sobre as experiências pessoais no desenvolvimento da pesquisa que está sendo realizada” (Méndez, 2013, p. 281).

Para pesquisas futuras sugere-se investigações que analisem os efeitos da pandemia da COVID-19 sobre as práticas de ensino realizadas por professores. Além disso, o conceito de empatia e simpatia podem ser explorados em situações futuras, haja visto que foi um conceito que apareceu com maior notoriedade quando observados os aspectos psicológicos e sociológicos da carreira e trajetória docente de professores negros.

A pesquisa disponibiliza e inicia uma discussão no campo disciplinar de pesquisa contábil sobre as fragilidades dos vínculos de trabalho presentes em dimensões interdisciplinares e relacionais diante de uma pandemia. Também proporciona olhar para caminhos profícuos no sentido de eleger novas estratégias de enfrentamento que sejam traçadas e assumidas por pessoas negras participantes dos espaços contábeis. Também, enquanto contribuições para a área, acredita-se que esta investigação possa funcionar para incentivar mais estudos sobre as alterações das dinâmicas sociais provocadas pela COVID-19 em espaços de ensino, como na área contábil e conduzir o campo disciplinar a se apropriar de temáticas e condições de vida que contemplem a pluralidade da população brasileira.

REFERÊNCIAS

- Adichie, Chimamanda Ngozi. (2009). The danger of a single story. TED, TEDGlobal. Recuperado de www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story
- Almeida, S. (2019). *Racismo estrutural*. Pólen Produção Editorial LTDA.
- Angelou, Maya. (1978). *Ainda assim eu me levanto*. Random House.
- Araújo, A. M. P. D., & Assaf Neto, A. (2003). A contabilidade tradicional e a contabilidade baseada em valor. *Revista Contabilidade & Finanças*, 14(33), 16-32.



- Basner, K., Christensen, J. F., French, J. E., & Schreven, S. (2018). Snaptivism: A collective biography of feminist snap as affective activism. *Ephemera: Theory and Politics in Organization*, 18 (4), 901-922.
- Bauman, Z. (1999). *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bento, Cida. (2022). *Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Braz, M. V. (2020). A Pandemia de Covid-19 (Sars-Cov-2) e as Contradições do Mundo do Trabalho. *Revista Laborativa*, 9(1), 116-130.
- Campos, L. C., Machado, T. R. B., Miranda, G. J., & Costa, P. D. S. (2016). Cotas sociais, ações afirmativas e evasão na área de Negócios: análise empírica em uma universidade federal brasileira. *Revista Contabilidade & Finanças*, 28(73), 27-42.
- Closs, L. Q., & Rocha-de-Oliveira, S. (2015). História de vida e trajetórias profissionais: estudo com executivos brasileiros. *Revista de Administração Contemporânea*, 19(4), 525-543.
- Di Sarno, Elaine. (2020). Empatia: palavra de ordem para 2021. Recuperado de <https://topview.com.br/self/artigo-empatia-palavra-de-ordem-para-2021/>.
- Dornelles, O. M., & Sauerbronn, F. F. (2019). Narrativas: Definição e aplicações em contabilidade. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 14(4), 19-37.
- Freire, Paulo. (2006) *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [original de 1992]
- Freyre, G. (1996). *Sobrados e Mucambos*, 9a edição. Rio de Janeiro: Record.
- Hasenbalg, Carlos; Gonzalez, Lélia. (2022). *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Hatch, J. A., & Wisniewski, R. (1995). Life history and narrative: questions, issues and exemplary works. In J. Hatch & R. Wisniewski (Eds.), *Life history and narrative* (p. 113-135). London: RoutledgeFalmer.
- Haynes, K. (2010). Other lives in accounting: Critical reflections on oral history methodology in action. *Critical Perspectives on Accounting*, 21(3), 221-231.
- Hooks, B. (2019) *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Editora Elefante.
- Fiocruz (2020). Covid-19 e avanço tecnológico: nasce um outro mundo do trabalho, avaliam especialistas. Recuperado de <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/41227/Covid-19Avan%3%a7oTecnol%3%b3gico.pdf?sequence=2&isAllowed=y>



- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea (2017). Atlas da Violência 2017. Recuperado de http://www.ipea.gov.br/portal/images/170602_atlas_da_violencia_2017.pdf
- Khapova, S. N., & Arthur, M. B. (2011). Interdisciplinary approaches to contemporary career studies. *Human Relations*, 64(1), 3-17.
- Lopes, I. F. (2021). *Experiências Socioacadêmicas e Expectativas para a Carreira Acadêmica de Pós-Graduandos em Contabilidade das Gerações Y e Z: Uma Discussão à Luz da Modernidade Líquida*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- Manhães, F. A. Desafios da profissão docente: um estudo sobre a resiliência dos professores dos cursos brasileiros de graduação em ciências contábeis. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- McKibbin, W. J., & Fernando, R. (2020). The global macroeconomic impacts of COVID-19: Seven scenarios. CAMA Working Paper. SSRN
- Méndez, M. (2013). Autoethnography as a research method: Advantages, limitations and criticism. *Colombian Applied Linguistic Journal*, 15(2), 279-287.
- Nascimento, L. F., Wunsch, L. P., Fernandes, M. A., & Leal, M. B. (2021). A empatia freireana na alfabetização popular: concepções da cibercultura em tempos de pandemia. *Revista Docência e Cibercultura*, 5(3), 207-221.
- Nganga, C. S. N. (2019). *Abrindo caminhos: a construção das identidades docentes de mulheres pelas trilhas, pontes e muros da pós-graduação em Contabilidade*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Paulilo, M. A. S. (1999). A pesquisa qualitativa e a história de vida. *Serviço social em revista*, 2(2), 135-148.
- Quintão, A.A. & Paula, D. C. (2021). Racismo Acadêmico: Apontamentos Sobre a Exclusão das Docentes Negras e Negros das Universidades Brasileiras. *Anais... Congresso ANPCONT, On-line, Virtual, Brasil*, 15.
- Riessman, C. K. (2008). *Narrative methods for the human sciences*. Sage.
- Santos, T. A., Lopes, I. F., & McGuigan, N. “Who Are You?”: The Psychic Effect of Silence, Diversity, Inclusion and Representativeness. *Anais... do USP International Conference in Accounting, São Paulo, SP, Brasil*, 22.
- Schappo, S. (2021). Fome e insegurança alimentar em tempos de pandemia da covid-19. *SER social*, 23(48), 28-52.
- Schuch, M. (2020) Bolsonaro diz que pode reabrir comércio com uma “canetada”. Valor Econômico. Política. Recuperado de



<https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/04/02/bolsonaro-diz-queretorno-do-comercio-depense-de-canetada.ghtml>

Silva, S. M. C. (2016). *Tetos de vitrais: gênero e raça na contabilidade no Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Silva, S. M. C. (2022). Pretas: lutos e afetos. *Revista Feminismos*. 10(2-3), 1-26.

Zanazzi, S. (2016). Creating Mosaics: How Professional Identities Can Emerge From Fragmented Careers. In *Anais of the 7th Edu World International Conference*, Roma, Itália.